

sei o teu nome
rute dias

*Para todos os que arriscaram um grande amor,
na procura pelo seu amor-próprio. Este livro é para vocês.*

Avisos de Conteúdos

Queridos leitores,

ao iniciarem esta viagem pelas páginas deste livro, gostaria de expressar a minha preocupação e sensibilidade para com aqueles que poderão ser impactados por conteúdos potencialmente desencadeadores. A narrativa aborda temas profundos e complexos, tocando em experiências que podem suscitar emoções intensas. É fundamental reconhecer a diversidade de reações que cada leitor pode ter perante estes tópicos sensíveis. A linguagem de cada personagem é também adaptada ao seu contexto e personalidade, o que não significa necessariamente que esteja sempre correta do ponto de vista gramatical. Agradeço sinceramente a todos os que contribuíram para a fração real apresentada, pois a autenticidade é a essência desta história. Cada testemunho, cada detalhe partilhado, foi crucial para criar uma narrativa que procura a verdade. Espero que esta história faça justiça aos heróis do mundo real, oferecendo uma visão compassiva e respeitosa das suas vidas. Obrigada por acompanharem este relato na forma de uma história de amor fictícia e por abraçarem a complexidade humana que nele se revela.

Para obter uma lista completa de avisos de conteúdo, por favor, visite este site: shor.by/z6sb.



Playlist



Wildfire — Cautious Clay

Softcore — The Neighbourhood

Bathroom — Montell Fish

What Was I Made For — Billie Eilish

Sirens — Imagine Dragons

Tonight — R3YAN, BLVKES

I Wanna Be Yours — Arctic Monkeys

Atlantis — Seafret

Those Eyes (Sped Up) — New West

Daddy Issues — The Neighbourhood

Lost My Mind — FINNEAS

Where's My Love — SYML

R U Mine — Arctic Monkeys

Quase Igual a Ti — Miguel Carmona

Can I Be Him — James Arthur



Diana

Pensem numa reclusa prestes a sair da prisão. Era assim que me sentia agora.

Estava a tentar encontrar as duas *t-shirts* brancas que tinha e sem as quais a minha existência ficava desprovida de sentido. Sou uma rapariga que gosta das coisas simples da vida. E essas *t-shirts* faziam parte delas. Por isso, fora de questão sair de casa sem as levar.

— Não podes comprar outras quando lá chegares, Diana? Tenho a certeza de que não será uma tarefa assim tão complexa encontrar um básico da moda.

— O meu irmão mais velho faz uma breve pausa para olhar para mim com um ar de condescendência estampado no rosto, antes de acrescentar: — Vais para Coimbra, não vais para o cu de Judas.

O Tiago ia dar-me boleia para Coimbra, cidade onde eu ia passar a viver a partir de hoje. Tinha sido aceite na universidade de lá — a mais antiga de Portugal. Quero ser pediatra desde que me lembro e estava cada vez mais perto de o conseguir. Nunca fui daquelas crianças que passaram por diversas fases de sonhos profissionais, eu sempre soube o que queria ser. Muito diferente, por exemplo, do meu irmão mais novo, Guilherme, de oito anos. Ele já mostrou vontade de ser artista de circo, advogado, cirurgião plástico, astronauta da NASA, entre mais umas quantas profissões das quais não me consigo recordar de momento.

Parecia que um tornado tinha passado entre as quatro paredes do meu quarto. Geralmente não sou desarrumada, mas a azáfama instalara-se porque

o Tiago estava completamente impaciente para se ir embora para Coimbra. Ele tinha-se mudado há quatro anos, estava a estudar Engenharia Mecânica e, se conseguisse passar a todas as cadeiras, este seria o seu último ano. No entanto, toda a gente sabia que a ida para a universidade tinha outras experiências além das académicas, que podiam atrasar a conclusão da licenciatura.

— Sim, Tiago. Posso comprar outras quando lá chegar, mas estou a evitar comprar coisas das quais não preciso — respondi-lhe, tentando aparentar tranquilidade.

— Pelos vistos, precisas — respondeu-me enquanto revirava os olhos.

Atirei-lhe com uma almofada que estava em cima do cadeirão e continuei a minha procura. Como era ágil, agarrou-a e deixou-se cair na cama, com ela amarfanhada entre o peito e o colo. Continuou num monólogo sobre o trânsito que íamos apanhar e as horas a que íamos chegar, que provavelmente o impediriam de ir a um bar qualquer hoje à noite. Mas decidi blindar o meu cérebro das suas intervenções e mantive-me focada no que estava a fazer. Qual era a probabilidade de, logo as duas *t-shirts*, decidirem, no mesmo dia, encarnar D. Sebastião e desaparecer no campo de batalha em que estava transformado o meu quarto?

Ouvi passos na direção da porta e vejo o meu irmão mais novo, Guilherme, a entrar pelo quarto adentro com um lenço da minha mãe.

— A mãe pediu-me para te dizer para atares os tomates ao Diab... — Não consegui terminar a frase porque o Tiago tinha-lhe atirado com a almofada à cara.

— A mãe disse o quê? — perguntei, estupefacta por estar a ouvir o meu pequeno irmão a falar em tomates. Mas o Tiago interpelou-me, pelo que nem consegui fazer-me ouvir.

— Isso diz-se, ó minorca? A mãe não te disse para dizeres isso de certeza.

— És mesmo parvo! Disse sim! Para atar os tomates ao Diabo. E mandou-me com o lenço e tudo. — Abanou o lenço na nossa direção como se não o conseguíssemos ver. Era bem provável que a nossa mãe o tivesse enviado nessa missão. Apenas duvidava da escolha de palavras.

— Eu disse para o menino atar os TES-TÍ-CU-LOS do Diabo, Guilherme. Eu estou a ouvi-lo aqui em baixo! — gritou a minha mãe da cozinha.

— Exato, Guilherme, diga testículos. Se não a mamã vai zangar-se consigo. — O Tiago adorava provocar o bebé da família, mas este, depois de lhe fazer peito, empinou o nariz e dirigiu-se a mim com um ar solene, qual cavaleiro a cumprir a sua missão.

— Diana, a mãe mandou atar este lenço à perna da cadeira da secretária ou a um dos pés da cama. Onde é que eu posso dar os nós? — Estava

completamente decidido a levar a cabo o ritual de procura que a minha mãe lhe tinha incumbido.

— Podes atar ali, Gui, obrigada. — Apontei-lhe para a cadeira, disfarçando um sorriso.

Sentei-me com ele no chão enquanto o via a dar os nós no lenço, muito concentrado no que estava a fazer. O Tiago olhava para nós como se nos tivessemos crescido uma segunda cabeça.

— Estou tramado convosco. Não saio daqui hoje, está visto. Combinei com o Alexandre às dez da noite, Diana. Às dez da noite! — Comecei a notar-lhe uma certa impaciência na voz. — Vou para o meu quarto. Agradeço que te despaches. Tens meia hora, depois não me interessa se encontras as *t-shirts* ou não.

O Tiago está a sair do quarto quando é intercetado pela mãe, que fica a olhar para ele de sobranceiras erguidas. Fitaram-se um ao outro durante alguns segundos, até que o Tiago perde a paciência e, revirando os olhos, incita a minha mãe a falar.

— Diga, mãe... O que é que a incomoda?

— Onde é que vai? Porque é que não está a ajudar o seu irmão? — perguntou-lhe do alto do seu metro e cinquenta e cinco, trinta centímetros a menos que o Tiago. Ainda assim bloqueou-lhe a passagem, permanecendo à porta do quarto.

— A atar os tomates ao Diabo, mãe? É nisso que quer que ajude o meu irmão?

Por vezes sentia-me numa casa de malucos.

— Podemos parar de falar da genitália de Lúcifer? Ou é estritamente necessária para o ritual que a mãe encarregou o Gui de fazer? — perguntei, já exasperada com a situação. Gostava de encontrar as malditas e ir-me embora.

— Diana, a menina comprou as blusas nem há uma semana e já não sabe delas — falava enquanto começava a inspecionar os nós que o Guilherme fazia, como um engenheiro olha para uma obra. — Mandei o seu irmão cá acima com um lenço para fazer a mesma coisa que a sua avó fazia. — Dirigiu-se momentaneamente ao Guilherme, indicando-lhe que apertasse os nós com mais força e voltou a encarar-me. — Posso garantir-lhe que a sua avó encontrava tudo!

Troquei olhares com o Tiago, que se mantinha à porta a observar-nos. Não conseguia compreender se a sua expressão era suplicante ou com vontade de rebentar a rir.

Estava em desconforto, disso não restavam dúvidas.

— E agora? — perguntei à minha mãe depois dos nós dados na perna da

cadeira e das mil instruções transmitidas por ela ao seu filho mais novo na arte de melhor atar os testículos ao Diabo.

— Agora fica assim até as encontrar. O Tiago já fez a sua mala? — Voltou a dirigir-se ao filho mais velho, que revirou novamente os olhos, e abanou a mão em jeito de desvalorização.

— Claro que sim, mãe. É o meu quarto ano de faculdade, penso que estou treinado nesse departamento de fazer e desfazer malas.

Embora a dona Madalena não quisesse admitir, notava-se que estava a sentir dificuldades em lidar com a ausência dos dois filhos mais velhos. Quando o Tiago entrou para a faculdade, há quatro anos, ela tinha ficado inconsolável, mas só deixou transparecer a sua dor depois de ele já ter saído. Quatro anos depois, comigo a seguir o mesmo caminho, sabia que quando fechássemos a porta e ela ficasse do lado de dentro, o desfecho seria semelhante. A nossa mãe tinha um mestrado em camuflar as suas emoções, mostrando-se sempre composta e forte, mesmo quando o seu coração estava partido.

Não iria ser diferente agora.

De repente, estavam quatro pessoas enfiadas no meu quarto. Todas com o mesmo objetivo, mas todas elas com motivações diferentes. Eu procurava porque queria evitar comprar coisas a mais. A minha mãe procurava porque queria ocupar a mente e distrair-se da tristeza de ver os filhos a abandonarem o ninho. O meu irmão Tiago porque estava doido para ir ao tal bar com o seu amigo, e o meu irmão Guilherme porque, finalmente, tinha tido autorização da minha mãe para dizer testículos e sentia-se importante por isso.

Tinha conseguido perder-me em pensamentos até começar a ouvir o riso incontrolável do Guilherme, que no momento estava virado de pernas para o ar a ser balançado pelo Tiago. Comecei também eu a rir-me, quando ouço a voz da minha mãe.

— Encontrei! Diana, estão aqui, mesmo ao lado do cesto da roupa — disse, enquanto se levantava do chão e soprava as mechas teimosas do seu cabelo louro-escuro, afastando-as dos olhos.

— Muito obrigada, mãe! Devem ter caído para trás do cesto quando as fui buscar à roupa lavada. Obrigada! Obrigada, mãe! — agradeceu-lhe enquanto a abraçava com força e ela me retribuía sem se entregar demasiado, não fosse começar a ser impossível controlar as lágrimas.

— Tiago, ponha o seu irmão no chão! Cuidado com a cabeça dele! Pare com isso, por favor — pedia a mãe com os braços ainda à minha volta.

O Tiago devolveu o meu irmão Guilherme ao chão e encaminhou-se na nossa direção, onde continuávamos abraçadas uma à outra. Colocou os seus

grandes braços à nossa volta, seguidos no imediato pelos braços do Guilherme, enrolados à volta das minhas pernas.

— Ah, um abraço de família! Também quero participar — disse o Tiago enquanto nos apertava aos três.

A nossa mãe deixou-se ficar aconchegada em nós pelo que me pareceram uns cinco segundos, até começar a tentar desvencilhar-se. Primeiro, afastou-se até uma distância segura e depois compôs o cabelo e alisou a blusa, para nos dizer que devíamos apressar-nos a colocar as malas no carro e a irmos de uma vez por todas embora, porque não queria que conduzíssemos durante a noite.

— A mãe tem toda a razão, como sempre! — respondeu-lhe o Tiago, com um falso ar de surpresa. — A Diana já encontrou o que procurava, eu tenho um compromisso e o Guilherme está pronto para ir tomar um banho.

— Eu já tomei banho.

— Ninguém diria. — Esfregou a cabeça do nosso irmão. — Vamos lá embora! — A minha mãe é atacada com um beijo repenicado do Tiago, que logo a seguir se encaminha para as escadas. — Espero por ti no carro e levo-te já esta mala.

Notei que a minha mãe seguiu o Tiago com o olhar e, sem desviar a sua atenção do filho mais velho, falou com o Guilherme.

— Guilherme, querido, pode, por favor, preparar um saco de pipocas de micro-ondas? A mamã depois vai consigo ver aquele filme de que me falou no outro dia.

— Finalmente! — Desapareceu a correr, entusiasmadíssimo com a ideia de ter a mãe só para ele.

A minha mãe queria falar comigo a sós, talvez dar-me alguns conselhos sobre a fase que iria enfrentar, as responsabilidades de viver sozinha, embora eu fosse viver com o meu irmão no apartamento que pertencia aos meus pais e que costumavam alugar antes de se transformar no nosso alojamento universitário. Talvez estivesse preocupada com a minha segurança ou fosse simplesmente dar as últimas instruções sobre como devo verificar sempre a fechadura antes de dormir. Fosse qual fosse o motivo, eu estava à espera de que ela começasse a falar pelo que me pareceu uma eternidade, mas não me atrevi a apressá-la. Parecia que estava com dificuldades em organizar os pensamentos.

Finalmente prendeu-me o olhar e começou a falar.

— Diana, por favor prometa-me que se vai cuidar — disse sem nunca desviar o seu olhar do meu, numa prece desesperada perante a possibilidade de reviver a dor que passou comigo.

— Prometo, mãe.

Não conseguia encará-la. Sabia o quanto a tinha feito sofrer quando me deixei consumir pelos meus demónios. A morte prematura do meu pai, há quatro anos, resultara numa cascata de catástrofes para a nossa família.

E eu não escapei.

— Eu preciso de saber que vai fazer um esforço para estar bem. Eu confio em si, mas também sei que, se a menina deixar, a sua condição pode tornar-se mais forte. E confio no seu irmão, mas ele não vai estar sempre consigo. — A minha mãe não chorava, mas eu sabia que era em troca de um enorme esforço da sua parte.

— Prometo que não vou voltar a fazê-la passar pela mesma coisa comigo, prometo.

— Não é comigo que tem de se preocupar, Diana, é consigo. É a si que tem de colocar em primeiro lugar, não a mim.

— Prometo, mãe. E também prometo ligar-lhe, e enviar mensagens, e estar sempre em contacto consigo.

A minha mãe assentiu, piscou os olhos com força, pigarreou para disfarçar o embargo da voz e num segundo voltou a ser a mulher de armas que tinha mantido a família unida até hoje.

— Isso sei eu! A menina é pior que uma lapa! Vá lá andando antes que fique ainda mais tarde. E eu tenho de ir libertar os tomates do Diabo, estão apertados até agora!

— Mãe!

Abraçou-me pela segunda vez no mesmo dia, o que para a dona Madalena podíamos considerar um recorde. Apertou-me contra o seu peito e foi então que me despedi de casa. Não foi quando saí pela porta, mas sim enrolada nos braços da minha mãe. Depois de anos presa a uma condição que se desenvolveu depois de uma das fases mais tristes que vivi, estava na hora de enfrentar a minha liberdade. E foi durante aquele abraço, enquanto pensava no que esperava por mim assim que deixasse Lisboa para trás, que eu podia jurar ter sentido uma lágrima cair-me no cabelo.



Diana

— **Q** ueres fazer as honras?
 Duas horas mais tarde estávamos a estacionar o carro no lugar de garagem do apartamento. Pelo caminho, o Tiago esteve a preparar-me, a meu ver desnecessariamente, para o que iria encontrar quando chegasse.

O meu irmão balançava um jogo de chaves em frente do meu nariz. Já lhe tinha pedido que o mandasse fazer há umas semanas, mas nem me lembrei mais do assunto. As chaves tilintavam penduradas na sua mão, presas a um par de patins que se agarravam à corrente. Sorri com alguma mágoa perante o simbolismo.

— A fazer-me sentir importante? Aceito!

Abri a porta e estava tudo como me lembrava. A última vez que cá tinha estado tinha sido com os nossos pais, mas ao olhar para o espaço quase parecia ter sido ontem. Eles estavam felicíssimos por terem comprado esta casa e viemos os cinco ver o apartamento.

Quando entrámos tudo era amplo e luminoso. Existiam algumas provas de vivência masculina espalhadas pelas superfícies, como uma garrafa de *Sagres* vazia num canto do balcão da cozinha e um pequeno monte de roupa depositado no chão mesmo em frente à máquina de lavar.

Nota mental para o educar na importância das lides domésticas.

O *hall*, a sala e a cozinha eram um único espaço, diferenciado apenas pelo mobiliário que isolava de forma bastante inteligente as áreas. Deixei as chaves no despeja-bolsos e encaminhei-me para a sala.

— Como tínhamos falado, ficas com o quarto da direita, tem o armário maior e uma casa de banho só para ti. Ainda te lembras onde é?

Revirei os olhos e confirmei que, embora não tivesse vindo cá ultimamente, ainda sabia onde se encontravam os quartos. Agarrei na minha mala de viagem e dirigi-me para o meu novo quarto. Ia saber-me pela vida tomar um duche, talvez ver uma série ou ler um livro até à hora de jantar. Mas ao abrir a porta do quarto, reparei em três coisas importantes:

Primeiro — eram cinco da tarde e estava tudo escuro. A janela estava aberta, o que permitia que a brisa fresca da tarde entrasse e balançasse as cortinas suavemente.

Segundo — parecia que tinham colocado uma bomba dentro do armário e essa bomba havia explodido recentemente. Havia peças de roupa espalhadas por todo o lado. Um sutiã mesmo à frente dos meus pés.

Um sutiã?

Terceiro — eu não estava sozinha. Estava uma pessoa na cama que, da última vez que confirmei, era minha.

Não conseguia distinguir grande coisa dessa mesma pessoa, mas seguramente estava a dormir.

Já disse que estava na minha cama?

Não me lembro de ter gritado. Mas sei que devo ter denunciado a situação pelo meu ar de choque ou por ainda permanecer estática à porta do quarto. Porque estava com medo de entrar.

No meu próprio quarto!...

O Tiago materializou-se ao meu lado, tendo depois sido possuído por um espírito malévolo e entrado de rompante pelo quarto adentro, enquanto acendia as luzes e esbracejava na direção da cama. A luminosidade ajudou-me a perceber que afinal não era só uma pessoa que estava deitada, mas duas.

Uma rapariga de longos cabelos loiros e com um bronzado de tonalidade alaranjada (como se tivesse comido cenouras a mais) estava agora agarrada ao lençol enquanto cobria o peito pouco vestido.

Isto explica o sutiã à entrada.

E ao lado dela um rapaz continuava preguiçosamente deitado, com um meio-sorriso presunçoso estampado no rosto e os olhos semicerrados ainda a habituarem-se à claridade recente.

— Alex, tu viste a minha mensagem? Eu disse-te que voltava hoje! — segui ouvir o meu irmão perguntar.

Alex...?

Sim, o tal amigo.

Eu nem conseguia olhar diretamente para eles e por isso não sei se ele o

ouviu. Mas pelo canto do olho percebi que passou a mão pelos cabelos e bocejou como se não estivesse a ouvir nada. Seria possível manter-se tão relaxado numa situação como esta?

Ofereço-lhe um café?

Decidi dar alguma privacidade aos hóspedes não solicitados do meu quarto. Por muito irónico que pudesse ser. Nem era a questão de estarem duas pessoas seminuas no quarto que iria ser meu daqui para a frente — não era assim tão púdica ao ponto de ficar mortificada com a nudez de duas pessoas. E também não era o facto de terem andado a fazer atividades ilícitas na minha cama. Certamente que não estiveram a ver o canal Panda durante o tempo em que estiveram ali deitados.

Eu iria lavar os lençóis de qualquer forma...

O que me transtornava era o aspeto despreocupado daquele sujeito, deitado na minha cama como se fosse dele!

Mas ele não tinha uma única preocupação no mundo?

Deixei as malas onde estavam e saí do quarto pouco depois de o meu irmão perguntar pela milionésima vez se o Alexandre não tinha visto a sua mensagem. Não consegui esperar pela resposta, porque a certa altura estávamos quatro pessoas a arremessar olhares como bolas de pingue-pongue. Olhares esses que decidi passar a evitar a todo o custo.

Decidi regressar à sala, passei pela cozinha no caminho, servi-me de um copo de água e sentei-me no sofá. Liguei a televisão no TLC e estava a dar *90 Days to Wed*, era um dos programas preferidos da minha mãe e costumávamos assistir juntas.

Estava a começar a abstrair-me de toda a situação quando ouço o bater estrondoso da porta do meu quarto e passos na direção da sala. Era a rapariga que vinha ainda em sutiã e com a blusa e a mala agarradas contra o peito, completamente desatunada.

— Nunca na minha vida passei por isto! Tu...! Tu aí sentada! — Olhei para ela e apontei para mim própria em jeito de interrogação. — Sim, tu! Quem mais? Tu vives com estes dois palhaços? — virou-se na direção do quarto e voltou a gritar: — És um porco, Alex! Ouviste bem? Tu és um autêntico porco!

— Aceito... Fecha só a porta quando saíres, Catarina, por favor. — Uma voz preguiçosa fez-se ouvir do quarto.

— É Cátia! *Ugh!*

A rapariga voltou a dirigir-me o seu olhar demoníaco. Encolhi os ombros como quem pede desculpa, mas ela não fez mais do que cuspir-me um «Boa-tarde» mal-humorado e bateu com a porta, desta vez a da saída, pela segunda vez.

Voltei a minha atenção novamente para a televisão; conseguia perceber que o casal do programa iria terminar antes de o episódio acabar. Percebia também, através do burburinho que chegava à sala do quarto, que o meu irmão conversava com o amigo.

O telemóvel vibrou no meu bolso das calças e só por isso me lembrei de que ele existia. Não ligava nenhuma ao telemóvel e nunca percebi a tamanha fixação em se estar vinte e quatro horas contactável.

Achei que devia verificar quem era — se fosse a dona Madalena, e eu não respondesse em tempo útil, seria bem provável que o seu próximo passo fosse acionar a Polícia Judiciária. Algo que eu gostaria muito de evitar.

Mas não era a minha mãe.

Podemos falar? Nem sequer te despediste. Não queria que fosses assim, connosco chateados. Ligo-te mais tarde?

Era o Afonso. Não consegui evitar um revirar de olhos quando li a sua mensagem. Estava a começar a escrever uma resposta quando alguém chegou à sala.

— A Celeste fechou a porta? — Ouvi a mesma voz que respondeu à rapariga, antes de ela sair.

— Acredito que o nome dela seja Cátia.

— Sim? Não me corrigiu durante a tarde toda... — pensou alto.

Inacreditável.

Decidi mudar de assunto.

— Boa-tarde, sou a Diana. A dona do quarto e da cama onde estavas há vinte minutos — apresentei-me sem lhe dirigir um único olhar. — E se reparares na porta consegues verificar que está fechada.

— Obrigada pelo empréstimo. Consigo ver que está fechada, mas não consigo saber quem a fechou.

— E porque é que isso haveria de ser importante?

— Não consideras importante saber se as pessoas cedem aos teus pedidos?

— Considero mais importante saberes o nome da pessoa antes de lhe pedires seja o que for.

— *Touché.* Alexandre.

A minha visão periférica deteta uma mão esticada à minha esquerda. Reparo no relógio apertado ao redor do pulso. Os pelos do antebraço têm reflexos dourados e nascem de uma pele bronzeada, mas não bronzeada naquele tom comum. A cor da pele dele faz lembrar a areia da praia ao final do dia — quente e convidativa. As tatuagens começavam nos nós dos seus dedos e subiam pelos antebraços e pelos braços.

Vestia uma *t-shirt* preta, de manga curta, com um decote arredondado. O tecido de algodão negro esticava-se em tensão nos sítios certos, tornando fácil perceber que os músculos eram frequentemente trabalhados — provavelmente ia ao ginásio todos os dias.

Logo antes de usar camas alheias, clandestinamente.

A linha do maxilar era bem definida e angulosa, e tudo no seu rosto convergia para os seus lábios cheios, que se curvavam num meio-sorriso travesso, com duas covinhas que espreitavam nas bochechas. Mas os olhos... os olhos eram verdes, com rasgos amarelados, que de repente me faziam lembrar o olhar de um felino. Mantinha uma das sobrancelhas erguida numa atitude desafiadora.

Ou seria diversão aquilo que lhe identificava no olhar?

Sim, ele sabia que eu estava a admirá-lo e isso divertia-o.

Acordei do meu transe, esperando que não se tivesse notado muito a minha expressão desconcertada. Apertei-lhe finalmente a mão, que continuou esticada à espera da minha, e senti uma descarga elétrica que me percorreu o braço e desceu pela coluna.

— O prazer é todo meu — respondi, tentando manter o meu olhar travado no dele. Não queria que percebesse que me intimidava.

Ouçó a voz do meu irmão.

— Vejo que foram autossuficientes e trataram das apresentações. — Tinha-se juntado a nós na sala e parecia satisfeito por eu não ter feito uma cena perante o acontecimento pouco ortodoxo. Sentou-se ao meu lado no sofá e bebeu um gole da minha água. — Obrigado por me pouparem ao trabalho.

Larguei a mão do Alexandre, que de repente pareceu estar na minha há tempo de mais, e voltei a concentrar a minha atenção na televisão.

— Tudo para te facilitar a vida — respondeu-lhe o Alexandre de forma desinteressada.

— Da próxima vez facilita-me o trabalho ao ler as minhas mensagens em tempo útil e a levares os teus engates seminus para onde a minha irmã não os tenha de ver. — A resposta foi proferida num tom divertido mascarado por uma certa assertividade. Não consegui evitar sorrir perante a sua descontração.

— Provavelmente a tua irmã vai ver pior que isto, se continuar a viver contigo.

— Ah! Ah! Ah! Claro que sim — ironizou o Tiago em resposta.

Revirei os olhos e sabia que o fazia pela terceira vez hoje. Adorava estas lutas de testosterona.

— Eu sei. Bem, vou-me pôr a andar. A que horas nos encontramos?

— Lá para as dez?

Tentava manter-me concentrada na televisão e acabei por confirmar que as minhas suspeitas estavam certas quando ficou claro que o casal do *90 Days to Wed* tinha terminado a relação por diferenças irreconciliáveis.

— Vens, Diana? — O meu irmão tocou-me ao de leve no ombro.

— Vou aonde?

— Ao bar da associação, connosco.

— Contigo — acrescentou desnecessariamente o Alexandre, como se eu estivesse a morrer de vontade de o acompanhar fosse aonde fosse. Depois desta intervenção decido que o nosso convidado foi oficialmente promovido a intruso.

O sangue ferveu-me por dentro e fuzilei-o com o olhar. Adorava ter vontade de ir a esse bar, só para poder contribuir para o incómodo desta pessoa. Mas nem sequer tinha ponderado a hipótese de sair de casa hoje.

— Não, hoje não vou. Tenho de dar um jeito nas malas e talvez ligar à mãe e ao Afonso — respondi, tentando ignorar o desconforto que sentia em mencionar o Afonso à frente do nosso conv... intruso.

— Excelente decisão. — Novamente o Alexandre com outra intervenção desnecessária. — Eu vou andando e espero lá por ti.

— Está bem. Até logo — declarou o Tiago enquanto avaliava a minha reação à mais recente investida do seu amigo pelo canto do olho.

O Alexandre devolveu as chaves do meu irmão ao próprio e dirigiu-se para o *hall*.

Abriu a porta e antes de sair olhou na minha direção.

— Até logo, Dina.

Ugh. Que insuportável.

Revirei os olhos em resposta ao seu sorriso presunçoso e voltei a concentrar a minha atenção na televisão à minha frente.

— Fecha só a porta quando saíres, Alberto.



Diana

Depois de o Alexandre sair, eu e o meu irmão permanecemos sentados no sofá, lado a lado, a olhar por onde ele tinha saído. Mas, passado o transe inicial, não consegui evitar e explodi numa gargalhada com vontade, com direito a ronco enquanto respirava e tudo.

Ele não conseguiu resistir muito tempo até desistir e acompanhar-me também. Estávamos os dois a rir enquanto íamos partilhando à vez, por entre risos e gargalhadas, as partes que nos tinham feito rir mais.

As lágrimas escorriam-me pela cara, enquanto me agarrava à barriga e lhe contava que a cara da Cátia estava vermelha de fúria antes de sair disparada do apartamento. E ele explicou-me que o Alex se tinha enganado no nome dela umas duas vezes enquanto ainda estavam no quarto — motivo pelo qual ela se passara e saíra esbaforida de lá.

— Ah, meu Deus! A minha barriga — queixei-me de sorriso nos lábios.
— Mas o que é que se passa com ele? — perguntei, decidindo aproveitar o tema para tentar perceber quem era o rapaz que me tinha deslumbrado e irritado, tudo ao mesmo tempo.

— Com o Alexandre? É um tipo estranho, não é? No início não o podia nem ver, mas como somos da mesma turma fomos convivendo e ele foi deixando de ser um otário do pior, para passar a ser só parvo de vez em quando.
— Olhou-me de soslaio, talvez para perceber qual a expressão que eu tinha estampada no rosto. Fosse qual fosse, ele continuou a falar. — Eu empresto-lhe a casa nas férias. De qualquer modo, ele com as miúdas é simplesmente

insuportável. E se pensas que isto é mau, posso garantir-te que ainda não é nada! Nem sei como é que acabam todas na cama dele, parece quase um ritual de iniciação.

— Suponho que ele se enquadre nos padrões de beleza atuais...

— Supões? — perguntou-me, arqueando uma das sobrancelhas.

— Sim, para ter tanto sucesso entre os elementos do sexo feminino.

— Do qual tu fazes também parte...

— Não quer isso dizer que estejamos todas em pulgas para que o nosso nome seja trocado, certo?

— Então não estás interessada nele? Isso é perfeito! — Chocou com a mão uma na outra enquanto se levantava. — Estava preocupadíssimo que pudessem sentir-te de alguma forma atraída por ele e que eu tivesse de te trancar em casa pelo resto do semestre.

Eu não disse que não o achava atraente, mas não ia discutir com o meu irmão quem eu considerava bonito ou não. Até porque ele tinha acabado de me confidenciar que tencionava enclausurar-me caso eu achasse o amigo atraente. Portanto, deixá-lo na ignorância podia não ser o mais simpático, mas seria sem dúvida o mais sensato para mim.

Dirigiu-se à cozinha, de onde perguntou o que me apetecia jantar. Na realidade não estava esfomeada, mas sabia que não o podia dizer.

— Hum, escolhe tu hoje! — respondi, enquanto procurava o meu telemóvel por entre as almofadas do sofá.

Tinha-me esquecido de responder ao Afonso, com a interrupção do Alexandre. E agora não conseguia encontrar o telemóvel. Já nem me lembrava do que dizia a mensagem, mas tinha a certeza de que envolvia uma conversa.

— O que achas se encomendarmos piza? — perguntou o Tiago depois de aparecer na sala de repente.

Nesta altura já estava de joelhos no tapete da sala a olhar debaixo do sofá. Nem sinal do telemóvel.

— Sim, parece-me bem — respondi enquanto olhava em volta. Onde é que se teria metido?

— Estás à procura do telemóvel?

— Sim! Viste-o?

— Está aqui. — Entregou-me o aparelho enquanto me dirigia um olhar de censura. — Por favor, tenta manter o telemóvel por perto. Vou ficar preocupado se te ligar e tu não atenderes.

— Onde é que ele estava? — perguntei, porque a curiosidade foi mais forte e já tinha remexido o sofá todo! — Não te preocupes, vou andar contactável.

— Estava enfiado entre a almofada e o braço do sofá, no lado oposto de

onde estavas a procurar — explicou-me, antes de agradecer a minha promessa em manter-me perto do telemóvel.

Voltei a ler a mensagem do Afonso enquanto ouvia o Tiago a pedir as pizzas pelo telefone na cozinha.

O que é que eu lhe ia responder?

Eu sabia que não deveria ter evitado a conversa antes de me mudar para Coimbra, mas foi mais forte que eu. Não obstante, também tinha de assumir que já estava cansada da sua atitude paternalista para comigo. Ele não me via como uma mulher, via-me como o seu pequeno projeto.

Conhecemo-nos há cinco anos, na escola. Ele era três anos mais velho que eu e esse facto não agradou muito aos meus pais. Mas rapidamente se habituaram ao Afonso e todas as preocupações iniciais caíram por terra.

Porque ele é assim. Esse é o Afonso.

O rapaz que conquista as pessoas à sua volta com as melhores piadas nas melhores alturas, que traz garrafas de vinho quando vem jantar em nossa casa com a nossa família, que espera que entremos em casa antes de se ir embora e que nos abre a porta do carro para entrarmos.

Quando penso nele sinto-me sempre culpada. Questiono-me se sou merecedora de um namorado como ele. Principalmente porque o nosso mais recente desentendimento teve origem nas suas preocupações sobre a «minha condição», como ele gosta de lhe chamar.

Durante os primeiros tempos, acreditei que a sua incapacidade em não chamar o que tinha pelo nome não passava de uma forma de não me afrontar. Depois cheguei ingenuamente a ponderar se a dicção dele seria o impedimento. E assim vivemos durante quase três anos. Mas esta última teoria caiu por terra quando o ouvi a falar com o meu treinador, enumerando-lhe todas as razões pelas quais ele não devia permitir que voltasse aos treinos. Ele achou que eu não deveria continuar a patinar. Assumiu que eu estava a piorar e, portanto, tomou sozinho uma decisão que não era dele para tomar.

O mais irónico de tudo? É que ele não tinha por que se preocupar. Eu não ia voltar a entrar num ringue. Não o fazia desde o dia em que o meu pai morreu e não tinha intenção de o voltar a fazer. Era doloroso de mais. Por isso é que saber que tinha agido nas minhas costas neste assunto me revoltou tanto. Às vezes parecia que não me conhecia de todo. E embora não deixasse de me fazer sentir uma inútil quanto à minha vida, incapaz de tomar as próprias decisões, sei que me tentou proteger, que as suas preocupações e atitudes vieram de um lugar certo, de um lugar de amor. E é com este pensamento que lhe respondo à mensagem.

Eu sei que deveria ter falado contigo, peço desculpa por não o ter feito.
Ligo-te assim que conseguir.

Enviei e procurei o meu irmão com os olhos — por esta altura já deveria ter terminado o telefonema para a pizaria. Devia ter ido ao quarto dele e eu estava tão embrenhada nos meus pensamentos que nem sequer me dei conta.
O telemóvel volta a vibrar.

Não fazes ideia de como a tua mensagem me deixou aliviado!
Achei que isto ia levar-te meses a passar. Eu espero, liga quando quiseres.

Tencionava ligar-lhe depois do jantar, quando o Tiago saísse para ir ao bar com o seu amigo. Por isso, o Afonso tinha mesmo de esperar.

— Já falaste com o teu namorado? — pergunta-me, surgindo atrás de mim de repente e arqueando uma sobrancelha.

— Que pergunta é essa? — respondo-lhe com uma nova questão. Principalmente porque não faço a mais pálida ideia do motivo pelo qual ele se decide interessar pela minha vida amorosa.

Quando comecei a namorar, o meu irmão Tiago era um demónio encarnado para me assombrar. Literalmente. Ele simplesmente detestava o Afonso.

O Tiago e o Afonso têm uma pequena diferença de idades, com o meu irmão a ser o mais velho por pouco mais de um ano, mas mesmo assim ele conseguia ser abominável cada vez que a sua interação com o Afonso era necessária. Com o passar do tempo ele foi acalmando até se tornar indiferente, o que me levou a acreditar que a hostilidade inicial fosse apenas o honrar do *cliché* de irmão mais velho a proteger a sua irmã mais nova.

Ultimamente ele não se manifestava sobre o Afonso. Nunca foi simpático, mas aprendeu a ser cordial. Não me lembro de uma única vez em que ele tenha tentado puxar o assunto comigo, até hoje.

— Eu percebi que vocês estavam em crise. A mãe comentou comigo que ele lhe tinha ligado todos os dias na última semana.

O Afonso ligou à mãe todos os dias?

— Ele ligou-lhe? Inacreditável!

Lá se vão as atitudes vindas de um lugar de amor. Eu ia matá-lo.

— Se tu não falavas com ele seria de esperar que ele tentasse chegar a ti por outras vias. Tu sabes que ele sempre foi assim.

— Assim como?

— Sedutor. — Disse-o a sorrir, mas sem sorriso na voz. — Ele queria conquistar toda a família, não foi só a ti.

Permiti-me pensar sobre aquilo que o Tiago tinha acabado de dizer. Conseguia reconhecer algum sentido, mas não aceitava que fossem atitudes calculadas. O Afonso era charmoso, sim, e queria sempre agradar. Levava flores à minha mãe quando ia jantar lá a casa e mostrava sempre o maior interesse sobre as novidades que o Gui lhe contava.

Ele era a preferência de qualquer sogro, o sonho de qualquer sogra. E eu compreendia os porquês.

— Podes estar a exagerar, ou não?

— Quem? Eu ou o Afonsinho que ofereceu uma pulseira *Cartier* à mãe no Natal de há dois anos?

Tive dificuldade em reprimir as gargalhadas, por isso deixei de tentar e ri-me com vontade.

— Está bem! Ganhaste. Ele consegue ser intenso, sim. Principalmente quando se esforça para isso.

— Ah, vá lá, Diana! Tu só não tens uma coleira *wireless* porque ainda não é permitido por lei...

— Desculpa? Isso é um autêntico disparate.

— Será? — Ergue as sobrancelhas enquanto me questiona.

— Mas obviamente que é. Eu sei que ele se esforça... por vezes demasiado, até. Mas isso não implica que me controle, ou que tente controlar — expliquei-lhe talvez com mais irritação do que gostaria.

Ele não estava totalmente errado. Mas não compreendia o Afonso, não como eu o compreendia.

— Peço desculpa se estou errado — diz, levantando ambas as mãos em sinal de rendição. — É só a ideia, pelos vistos errada, que passa de vocês dois.

— Compreenderia que outra pessoa qualquer pudesse pensar isso. Mas tu? Achei que me conhecias melhor que isso — queixei-me, sem me importar minimamente com o óbvio apelo à sua sensibilidade.

— Diana, não encares isto dessa forma, por favor. É claro que eu te conheço e sei que não irias aceitar ser controlada deliberadamente...

— Então estás a querer dizer que eu nem sequer me apercebo do que acontece?

— Por vezes, sim. Por vezes acredito genuinamente que não te apercebes da influência que ele exerce nas tuas decisões.

— Mas eu acabei de me mudar e nem sequer falei com ele!

— Certo, mas eu já vejo isto como uma situação de rutura, de limite.

Não tive resposta. Precisava de pensar sobre o assunto. Entendia a origem das opiniões do meu irmão, mas ele não sabia de tudo. Eu não era assim tão influenciável.

Ou será que era?

— Mas, vá, não fiques com esse ar pensativo-melancólico. Vamos ao bar hoje e distrais-te um bocado — disse-me enquanto me colocava uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Era algo natural nele e que me fazia lembrar o nosso pai.

— Eu não posso, tenho de ligar...

— Ao Afonso, calculei que sim. — Termina a minha frase.

— Tiago, não é nada disso. Simplesmente tenho de falar com ele. Seja qual for o desfecho da situação, preciso de perceber o que quero, o que é melhor para ambos. E para isso precisamos de falar.

— Eu percebo. Então fico cá também e faço-te companhia.

— Obrigada, mas não é mesmo preciso. Eu até agradeço a privacidade e os momentos a sós. E tu até já combinaste com o Alexandre, não o podes deixar sozinho — provoqueei.

— Quanto ao Alex, está para chegar o dia em que ele vai precisar que eu o acompanhe a qualquer coisa que seja nesta vida. Quanto ao resto, OK. Entendo que precisas de uns momentos para conversares com ele à vontade. Eu provavelmente pedir-te-ia o mesmo. Mas fica contactável, por favor. E, caso precisas de alguma coisa, seja o que for, liga-me.

— Prometo que sim. Vai descansado.

O Tiago anuiu levemente e encaminhou-se até ao quarto para se vestir. Eu fiquei exatamente no mesmo local, com o telemóvel no colo a tentar digerir as últimas informações que me tinham chegado.

Tínhamos mesmo de falar. Por muito que não quisesse admitir, sentia-me algo arrependida por não ter esclarecido logo tudo com o Afonso antes de me vir embora. Teria sido mais fácil do que ter essa conversa à distância. Mas não foi isso que aconteceu e agora tinha de lidar com a situação o melhor que pudesse.

O tocar da campainha, seguido do berro do meu irmão para eu receber as pizzas, interrompeu os meus pensamentos. Levantei-me e abri a porta, paguei ao estafeta e agarrei nas três caixas empilhadas no meu braço direito. Fechei a porta com um empurrão de traseiro e coloquei as caixas na mesa. Tirei um momento para fazer contas de cabeça — três pizzas familiares para duas pessoas, faria sentido se essas duas pessoas fossem o Tiago.

Pus rapidamente a mesa. Sentei-me no meu lugar e estiquei-me até chegar ao puxador da gaveta do aparador, de onde tirei um monte de guardanapos. Comecei a abrir as caixas e o aroma das pizzas inundou-me os sentidos, começando a nascer-me água na boca.

O Tiago sentou-se à mesa com os olhos a dardejar entre as pizzas, incapaz de se decidir qual começar a comer.

— Queres que te sirva? — pergunto-lhe na tentativa de o ajudar na sua indecisão. Garanto que fui capaz de ver duas rodela de *pepperoni* em substituição dos seus globos oculares.

Olhou-me de soslaio em tom de censura e começou a servir-se da piza de *bacon* e molho *barbecue*.

— Eu devo chegar tarde. De certeza que não queres vir?

— Absoluta.

— Muito bem. Então vou comer e vou pôr-me a andar.

Sim, ele ia comer e sair. E eu ia ficar em casa e ligar ao meu namorado.

Ele tinha sido o meu primeiro namorado, o meu primeiro em tudo. Havia uma ligação muito grande entre nós. Mas não podia deixar de reconhecer que o entusiasmo se tinha extinguido. Não saberia dizer quando é que as coisas tinham mudado para mim, mas mudaram. E algumas vezes pensei em terminar, mas ele acabava sempre por me lembrar o quanto éramos perfeitos juntos.

Depois de o Tiago me voltar a dar as indicações do costume, sobre manter o telemóvel por perto e ligar-lhe à mínima necessidade, agarra nas suas chaves, carteira e telemóvel e enfia tudo nos bolsos das calças. Seria possível explicarem-me porque é que os bolsos das calças masculinas parecem infinitos, em comparação com os femininos? Aposto que se ele quisesse lá enfiar a torradeira não teria nenhum entrave.

Antes de se dirigir para a porta olhou-me com um semblante preocupado. E estava a começar a tirar-me do sério.

— Mas tu vais-te embora, se fazes o favor? — perguntei, sem tentar esconder a minha exasperação. — O que é que pode acontecer, Tiago? Vou, quem sabe, esfomear-me durante as próximas oito horas? Sabes que existe jejum fisiológico, não se come durante o sono!

Praticamente começou a fugir em direção à porta.

— Estou a ir! Liga-me se precisares — disse antes de a fechar atrás de si.

— Eu ligo, obrigada — respondi.

Mas ele já não ouviu.

